



## MODELOS DE GESTÃO DE REVISTAS CIENTÍFICAS ELETRÔNICAS EM ACESSO LIVRE E SUSTENTABILIDADE: VAMOS DEBATER?

*Paulo Cezar Vieira Guanaes*

**Resumo:** A possibilidade de se publicar revista científica em meio eletrônico e em acesso livre com apoio das tecnologias de informação e comunicação tem acarretado mudanças substanciais no processo de comunicação científica. Um aspecto ainda pouco discutido nessa nova configuração diz respeito aos modelos de gestão de revistas científicas eletrônicas. Estes pôsteres, com a descrição de um amplo portfólio de alternativas disponível atualmente, tentam contribuir para o chamamento a uma necessária reflexão sobre a sustentabilidade desses modelos. Têm ainda o objetivo de pôr esse tema na agenda das políticas públicas de ciência e tecnologia e informação no Brasil e, mais especificamente, na agenda de prioridades de pesquisa em saúde pública.

**Palavras-chave:** modelos de gestão; revistas científicas eletrônicas; acesso livre; sustentabilidade.

**Abstract:** The possibility of publishing the journal electronically and in support of free access to information and communication technologies has brought about substantial changes in the process of scientific communication. One aspect still little discussed in this new configuration with respect to the models of management journals. These posters, with the description of a broad portfolio of alternatives currently available, the call to try to contribute to a necessary reflection on the sustainability of these models. They also have the goal of putting this issue on the agenda of public policies on science and technology and information in Brazil and, more specifically on the agenda of research priorities in public health.

**Keywords:** business models, electronic journals, open access, sustainability.

### **Modelos de gestão de revistas científicas eletrônicas em acesso livre e sustentabilidade: vamos debater?**

Desde o aparecimento das primeiras revistas científicas no século XVII, é provável que nenhum outro fato tenha sido mais importante para o sistema de comunicação na ciência do que a incorporação das tecnologias da informação e comunicação (TICs) em seus canais formais e informais. Foram elas que ensejaram o surgimento da revista científica eletrônica, no final dos anos 1980, o que contribuiu sobremaneira para o nascimento do Movimento pelo Acesso Livre à informação científica, na virada



do século.

As TICs encontraram, se não fomentaram, um certo grau de insatisfação dos pesquisadores com a dinâmica do sistema de comunicação acadêmica: por um lado apontando a morosidade do processo de publicação de revistas em formato papel; por outro lado, pela alta dos preços das assinaturas das revistas cobradas nos últimos 30 anos por editores comerciais, o que vem comprometendo a manutenção de coleções de revistas nas bibliotecas especialmente em países em desenvolvimento (TENOPIR e KING, 1998).

Todavia, se as tecnologias da informação e comunicação (TICs) propiciaram um novo paradigma para a revista científica, abrindo espaço para uma efetiva mudança na gestão e produção desse veículo, também proporcionaram uma profusão de modelos de gestão ou de negócios. Um modelo de gestão é uma preocupação fundamental dos atores comprometidos com a comunicação científica, considerando a distribuição em acesso livre. Selecionar o modelo apropriado para uma revista científica em particular dependerá não apenas da barreira de despesas que devem ser apuradas, mas também dos objetivos da missão do editor, dimensão, recursos de gestão de negócios, tolerância ao risco, situação fiscal e filiação institucional ou corporativa (ARÉVALO, COLL e GIJÓN, 2008).

Assim, é desejável também pensar o valor do acesso livre como uma questão de economia por meio da qual pesquisa e conhecimento acadêmico são disponibilizados gratuitamente num mercado de revistas altamente estratificado. Segundo Ware (2006, apud WILLINSKY, 2009), este mercado, com valor estimado em US\$ 7 bilhões anuais apenas para pesquisa em ciência, tecnologia e medicina no idioma inglês, é composto de três economias de publicação relativamente distintas: *revistas independentes*, *editoras de sociedades acadêmicas* e *editoras comerciais* – três segmentos que publicam revistas de qualidade variável em praticamente todos os campos do saber, diferindo entre si na estrutura dos custos historicamente associados às suas atividades de publicação.

### *1. Revistas independentes*

É o segmento mais antigo. Atualmente é o de menor interesse para publicação. É representado pelo acadêmico individual ou por grupos de acadêmicos que assumiram a publicação de uma revista.

### *2. Sociedades acadêmicas*

Esse segmento, tanto historicamente quanto em termos de tamanho, atuante na publicação de revistas, normalmente se forma em torno de interesses disciplinares.

### *3. Editoras comerciais*

As editoras comerciais passaram a ocupar uma posição dominante ao longo dos últimos 50 anos, primeiro ao começar a produzir revistas quando as sociedades acadêmicas foram lentas na resposta à grande expansão da pesquisa universitária, em particular nos domínios da ciência, tecnologia e medicina (CTM), nas décadas seguintes à Segunda Guerra Mundial. Ao se garantirem com acadêmicos



respeitados como editores e ao introduzirem o profissionalismo na atividade editorial, contratando especialistas para aquisição e comercialização de títulos, além de definição agressiva de preços, as editoras comerciais conseguiram não só aumentar sua fatia de mercado, mas também elevar suas taxas de assinatura a um nível bem mais alto do que os dois outros segmentos.

Neste momento, os três segmentos estão em busca de acesso livre em várias formas: adoção de políticas de autoarquivamento pelos autores, utilização de sistemas de software de fonte aberta, cobrança de taxas de processamento de artigos; e fornecimento de acesso livre postergado (WILLINSKY, 2009).

Kuramoto lista os dez modelos de gestão da literatura científica em acesso livre que foram identificados por Willinsky (2006) no livro *The Access: the case for open access to research and scholarship*, incluindo exemplos. São eles:

Quadro 1. Modelos de gestão (KURAMOTO, 2006)

Modelos	Descrição	Exemplo
<i>Home page</i>	Faculdades ou departamentos de universidade mantêm <i>home page</i> para membros individuais na qual colocam <i>papers</i> em AL.	< <a href="http://www.econ.ucsb.edu/~tedb/">http://www.econ.ucsb.edu/~tedb/</a> >
<i>E-print archive</i>	Instituição ou sociedade científica hospeda repositório, facilitando autoarquivamento de material publicado e não-publicado a seus membros.	< <a href="http://www.arXiv.org/">http://www.arXiv.org/</a> >; < <a href="http://eprints.ime.usp.br/">http://eprints.ime.usp.br/</a> >; < <a href="http://dici.ibict.br/">http://dici.ibict.br/</a> >
Taxa de autor	Permite imediato e completo acesso a revista de AL (ou a artigos para os quais as taxas foram pagas), mediante o pagamento da taxa de autor (pagas por instituições às quais esses autores são filiados).	< <a href="http://www.biomedcentral.com/">http://www.biomedcentral.com/</a> >
Subsidiado	Sociedades científicas, instituições de governo ou fundações dão, por meio de subsídio, AL a revistas.	< <a href="http://www.firstmonday.org/">http://www.firstmonday.org/</a> >
Modo dual	Assinaturas coletadas para versão impressa e utilizada para apoiar edição impressa e edição <i>online</i> em AL	Journal of Postgraduate Medicine < <a href="http://www.jpgmonline.com/">http://www.jpgmonline.com/</a> >
Postergado	Assinaturas coletadas para edição impressa e imediato acesso <i>online</i> , com AL após período de 6 ou 12 meses.	New England Journal of Medicine < <a href="http://content.nejm.org/">http://content.nejm.org/</a> >
Parcial	AL permitido a pequena seleção de artigos, servindo como um mecanismo de marketing, já que o acesso ao restante requer assinatura.	Lancet < <a href="http://www.thelancet.com/">http://www.thelancet.com/</a> >
<i>Per capita</i>	AL para estudantes e pós-graduandos em países em desenvolvimento como contribuição de caridade.	HINARI < <a href="http://www.who.int/hinari/en/">http://www.who.int/hinari/en/</a> >



Indexação	AL a informações bibliográficas e resumos como serviço governamental ou, por editores, um mecanismo de marketing, sempre com <i>links, pay-per-view</i> , para o texto integral do artigo.	ScienceDirect < <a href="http://www.sciencedirect.com/">http://www.sciencedirect.com/</a> >
Cooperativo	Bibliotecas e associações científicas contribuem para AL a revistas e o desenvolvimento de recursos de publicação.	German Academic Publishers < <a href="http://www.gap-portal.de/">http://www.gap-portal.de/</a> >

Fonte: Kuramoto (2006).

Ao se basear num estudo realizado pela Association of Learned and Professional (ALSP), realizado em 2005, que identificou um ambiente criado pelo movimento de acesso livre em que vários modelos estão sendo testados, Costa (2006) enumera quatorze modelos de negócios, extraídos do estudo realizado pela ALSP (2004):

- assinatura, tanto para fascículos novos como para os anteriores;
- acesso aberto postergado (*delayed open access*): assinatura para acesso com o editor, mas permissão para depósito em repositório de acesso aberto, após um período determinado de tempo;
- assinatura e experimento opcional com acesso aberto;
- assinatura para a maioria, mas alguns conteúdos novos disponíveis livremente; financiamentos por *grants*; conteúdos anteriores com acesso livre;
- acesso aberto total (*full open access*), apoiado por assinaturas das versões impressas e por taxas pagas pelos autores;
- acesso aberto total, apoiado por taxas pagas pelos autores, membros e assinaturas de outros títulos impressos;
- acesso aberto total, apoiado por taxas pagas pelos autores, membros institucionais, *grants* e indústria;
- acesso aberto total, apoiado por membros;
- acesso aberto total, apoiado por propaganda;
- acesso aberto total, anteriormente, migrando para acesso aberto postergado;
- assinatura para instituições, livre para indivíduos;
- assinatura para a maioria dos conteúdos novos, alguns novos conteúdos livres e conteúdos anteriores livres;
- acesso aberto para *pré-prints*, assinatura para novos conteúdos e livre para conteúdos anteriores;
- assinatura, primeiro, e acesso aberto postergado.” (COSTA, 2006, p. 45).

Peter Suber e colaboradores apresentaram uma lista de modelos, datada de março de 2011. São 10 modelos de gestão e 30 variantes adotados por revistas científicas em acesso livre de diversas instituições internacionais, entre elas, sociedades científicas e universidades.

### Quadro 2. Modelos de gestão (OAD, 2011)



Modelos	Descrição	Variantes	Exemplo
Publicidade	Publicidade em <i>sites</i> de revistas científicas ou páginas de artigos	Venda de espaço para empresas; serviços eletrônicos de publicidade como Google AdSense (leitura algorítmica)	
Dotações	Construção de fundo patrimonial e uso dos juros para cobrir despesas		Stanford Encyclopedia of Philosophy (2005).
Captação de recursos	Solicitação de doações periódica ou continuamente		Página de captação da Public Library of Science (PLoS).
Revistas de AL híbridas	Artigos em AL (com TP) e sem AL (sem TP)	AL com desconto de assinatura; mais direitos para o autor; licenças CC; isenção de TP por dificuldades; descontos na TP para certas categorias; recusa para mandatos de AL, salvo os que pagam TP; limitação de autoarquivamento	“Free to Read”, da American Physical Society; “Oxford Open”, da Editora da Universidade de Oxford.
Subsídios institucionais	Subsídios de instituição, total ou parcial, direta ou indiretamente (dinheiro, equipamentos, pessoal)	Subsídios universitários; subsídios governamentais; subsídios de uma fundação; subsídios consorciados	SciELO (governamental); D-Lib Magazine (consorciado).
Cotas de sociedade	Cotas apoiam a revista de AL, total ou parcialmente		
Edições com preço fixado	AL para uma edição (texto completo) e venda de AL para outra edição (que pode incluir edição impressa)	Receita de EPF impressa apoia edição AL; edições AL e EPF com textos iguais, simultâneas, produção diferente; a EPF, resumos curtos, e a AL, textos completos; venda de reimpressões para apoiar revista AL; linha independente de revistas sem AL custeia as de AL.	
Taxas de publicação	Cobrança de taxa sobre aceitação de artigo, para cobrir custos de publicação e de revisão, em geral paga pela agência de fomento à pesquisa	Taxas fixas (para todos os artigos aceitos); taxas variáveis (de acordo com a extensão do artigo); taxa com desconto por dificuldades econômicas; taxa com desconto por prestação de serviço do autor; preço único mais custo adicional por serviços extras; adesões institucionais (dispensa de taxa para autores filiados às instituições participantes); acordos institucionais com instituições, individualmente; taxa para AL de alguns tópicos, AL sem taxa para outros.	BioMed Central, PLoS.
Taxas de submissão	Cobrança de taxa para avaliação de texto submetido, independente se será aceito ou não. Pode reduzir a TP		“Ideas in Ecology and Evolution” cobra TS US\$ 400, 300 para avaliadores
Trabalho voluntário	Trabalho de voluntários não remunerado		

Fonte: OAD (2011).



Siglas: AL – acesso livre; CC - Creative Commons; EPF - Edições com preço fixado ;TP – taxa de publicação; TS – taxa de submissão.

A sustentabilidade da revista científica eletrônica, no entanto, não diz respeito apenas a aspectos econômicos do processo de edição e publicação *online*. Ao fator custo, deve juntar-se a acessibilidade, a recuperação de informações, navegabilidade e interatividade, além de parâmetros da revista científica impressa já testados ao longo de quase três séculos e meio, próprios da legitimidade desse gênero de publicação: política editorial, conselho editorial, revisão por pares de qualidade, área específica de inserção, periodicidade e regularidade dos fascículos, inscrição no ISSN, instruções claras aos autores para redação dos artigos, escusa em ter cunho departamental, institucional ou regional, entre outras características que consolidaram e deram confiabilidade à revista científica tradicional. São inclusive critérios de sobrevivência, pois muitas vezes deles dependerá a concessão de financiamentos (GRUSZYNSKI e GOLIN, 2006).

No cenário da pesquisa no Brasil, a discussão sobre sustentabilidade, ou a vida e a morte dos revistas científicas, vem já de longa data. Estudos prévios têm apontado que os revistas científicas brasileiras ainda padecem de um ciclo de vida curto, entre outros fatores porque é fundamental publicar artigos em revistas científicas de qualidade, mas que nem sempre estão disponíveis ou não atendem à demanda dos pesquisadores, e porque há pesquisadores e campos disciplinares que são orientados e vocacionados para publicação em revistas científicas internacionais, de maior visibilidade e impacto.

Como consequência dessa tendência, as revistas científicas nacionais acabam não vingando por fatores como qualidade dos artigos, regularidade na publicação e facilidade de acesso. Se se acrescentar a questão dos custos, ter-se-á um quadro nada favorável à sustentabilidade de revistas brasileiras (MULLER, 1999). Tal assertiva reforça a incipiente, mas urgente discussão sobre modelos de gestão de revistas científicas eletrônicas em acesso livre.

No campo da saúde, essa discussão ganha ainda mais importância. Historicamente, sabe-se que as ciências da saúde são o campo de conhecimento que concentra os investimentos em pesquisa no mundo. Igualmente, talvez seja esse também o campo de pesquisa que maior impacto potencial pode causar no desenvolvimento das nações e no bem-estar das populações. Assim, a mais ampla circulação da informação científica é fundamental, especialmente pelo desenvolvimento no que diz respeito aos meios mais ágeis e redes mais amplas de comunicação, o que coloca as revistas eletrônicas de acesso livre em posição de destaque (PELLEGRINI-FILHO, 2004).

### Referências

- ALSP. ASSOCIATION OF LEARNED AND PROFESSIONAL SOCIETIES PUBLISHERS.  
*The facts about open access: a study on financial and non-financial effects of alternative business models for scholarly journals*. Disponível em: <[http://www.alpsp.org/ngen\\_public/article.asp?id=200&did=47&aid=270&st=&oaid=-1](http://www.alpsp.org/ngen_public/article.asp?id=200&did=47&aid=270&st=&oaid=-1)> . Acesso em: 28 set. 2010.
- ARÉVALO, Julio A.; COLL, Imma S.; GIJÓN, Luisa Martinez C. *Informe Apei sobre acceso*



- abierto*: Informe Apei 2. Espanha: Asociación Profesional de Especialistas en Información, 2008.
- COSTA, Sely M.S. Filosofia aberta, modelos de negócios e agências de fomento: elementos essenciais a uma discussão sobre o acesso aberto à informação científica. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 35, n. 2, p. 39-50, maio/ago., 2006.
- GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; GOLIN, Cida. Periódicos científicos: transição do suporte impresso para o eletrônico e eficácia comunicacional. *UNIrevista*, v. 1, n. 3, jul. 2006.
- KURAMOTO, Hélio. Informação científica: proposta de um novo modelo para o Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 35, n. 2, maio-ago., 2006.
- MUELLER, S.P.M. O círculo vicioso que prende os periódicos nacionais. *DataGramZero – Revista de Ciência da Informação*, n. zero, dez. 1999.
- PELLEGRINI-FILHO, Alberto. Pesquisa em saúde, política de saúde e equidade na América Latina. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 339-350, 2004.
- TENOPIR, Carol; KING, Donald. W. A publicação de revistas eletrônicas: economia da produção, distribuição e uso. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 27, n.2, p. 172-182, maio/ago. 1998.
- OAD. Open Access Directory. OA journal business models. Disponível em: <[http://oad.simmons.edu/oadwiki/OA\\_journal\\_business\\_models](http://oad.simmons.edu/oadwiki/OA_journal_business_models)>. Acesso em: 18 a 22 fev. 2011.
- WILLINSKY, John. *The Access: the case for open access to research and scholarship*. Londres: The Mit Press, 2006, 287 p.
- \_\_\_\_\_. The stratified economics of open access. *Economics Analysis and Policy*, v. 39, n. 1, p.53-70, 2009.